

“ERA UMA VEZ”... A RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

“ONCE UPON A TIME” ... THE RELEVANCE OF FAIRY TALES TO THE CHILD'S DEVELOPMENT

Ruchele Correa da Silva¹

Thiago Ferigati Squiapati Nicolau²

RESUMO

O conto de fada é considerado como um gênero textual muito conhecido e apreciado por muitas crianças e adultos há muitos anos, funcionando como uma importante “ferramenta” de aprendizagem social e cognitiva. Trabalhá-lo em sala de aula pode ser um ótimo recurso para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da oralidade, da escrita e de outras diversas habilidades e competências na criança. Frente a isso, o presente trabalho busca compreender e analisar a relevância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil por meio de três seções que exploram a sua origem, sua relevância para o desenvolvimento cognitivo da criança e sua utilização como recurso de aprendizagem em sala de aula, tendo por base a pesquisa bibliográfica motivada pelos autores Coelho (1987), Radino (2003), Abramovich (2001), Pietro (2000), Bastos (2015), Bettelheim (2002), entre outros que abordam a relação entre os contos de fadas e o desenvolvimento infantil. A apreciação desse gênero tão explorado na educação é essencial para o divertir da criança e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento da sua personalidade, criatividade e convivência, podendo oferecer um significado e enriquecendo sua existência. Contar histórias para a criança e envolvê-las no gênero aqui estudado é permitir que ela faça relação do seu imaginário com sua própria realidade.

Palavras-Chave: Contos; Fadas; desenvolvimento; criança.

¹ Graduação no Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: ruchele_correa@outlook.com

² Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: thiagoferigati@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O ser humano sempre utilizou a prática de contar histórias como uma estratégia para se manterem vivas as tradições, transmitir os valores, ensinar, ou simplesmente divertir aquele que as ouve.

Com o tempo, passou-se a perceber que, por meio das histórias, é possível desenvolver muitas habilidades e competências, expressando e compreendendo sentimentos e sensações que, muitas vezes, não é possível expressar de outra forma.

Pensando nisso, a escolha do presente tema justifica-se principalmente pela curiosidade em compreender a relação entre o desenvolvimento infantil e a experiência de participar, ouvir, conhecer e ouvir histórias por meio de um dos mais populares e conhecidos gêneros textuais: os contos de fadas.

Os contos de fadas constituem um grupo de histórias que há milhares de anos agradam crianças e adultos das mais distintas classes sociais e, dentro de suas características; é um dos mais favoráveis ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade e, principalmente, da formação de estruturas mentais e sociais responsáveis pela expressão, controle e manifestação dos sentimentos humanos (BETTELHEIM, 2002).

Para a escolha da pesquisa, considerou-se, ainda, a importância da leitura para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional e, mais, que somente o indivíduo é quem “lê interpreta, questiona, estabelece julgamentos do que pode e deve fazer, exercendo assim, plenamente a sua cidadania”. E que, aquele que tem suas habilidades aprimoradas, construídas e alicerçadas, por meio da leitura, é capaz de mudar sua realidade (BARROS, 2013, p. 28).

Partindo daí, deu-se a busca por artigos e diversos outros materiais que abordam o tema e discutem o aspecto qualitativo da influência dos contos de fadas para o desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente em idade escolar relacionada ao ensino fundamental.

Objetivando compreender e discutir a relevância dos contos de fadas no processo de desenvolvimento infantil, a pesquisa se estrutura em três partes, sendo a primeira seção destinada a falar sobre a origem dos contos de fadas e suas principais características, a segunda a relacionar os contos de fadas e o desenvolvimento da criança e a última para discutir a utilização desse gênero textual

em sala de aula, com uma exemplificação por meio do clássico “Chapeuzinho Vermelho”.

Para isso, utilizou-se de autores como Coelho (1987), Radino (2003), Abramovich (2001), Pietro (2000), Bastos (2015), Bettelheim (2002), entre outros que abordaram a relação entre os contos de fadas e o desenvolvimento infantil.

1. AORIGEM DOS CONTOS DE FADAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ouvir e contar histórias sempre foi algo muito comum aos seres humanos, principalmente como forma de manterem vivas tradições, costumes e ideias. Por isso, a literatura, de forma geral, e, neste caso, o gênero, mais tarde conhecido como contos de fadas, também se originou, se fortaleceu e se consolidou através de transmissão oral (RADINO, 2003).

Essa ideia que temos hoje a respeito desse gênero, marcado pela principal característica de iniciar-se com “Era uma vez” e encerrar-se geralmente com “Viveram felizes para sempre”, sofreu inúmeras modificações ao longo dos séculos até chegar ao modelo que conhecemos, atualmente, e que encanta crianças e adultos em todo o mundo.

O conto de fadas é capaz de mexer com o imaginário daquele que o ouve e, por isso, ganhou e ainda tem ganhado destaque dentre os gêneros literários, uma vez que, por meio da imaginação, é possível conhecer, participar e se envolver em muitas aventuras ao longo da vida.

Antes de tudo, é indispensável ressaltar que, por muito tempo, a criança foi vista como uma miniatura do adulto, e, por consequência, participava de todos os contextos sociais, conversas, recebia o mesmo tratamento e tinha acesso aos mesmos conteúdos, inclusive de contos passados de pais para filhos (ABRAMOVICH, 2001).

Por se tratar de um gênero popular e de tradição oral, fica difícil datar com certeza seu surgimento. Contudo, estima-se que os primeiros contos de fadas, com a estrutura de conhecimento popular e tratando de eventos “fantasiosos” mas, da vida real, tenham surgido há milhares de anos, com os povos antigos e ganhado força na idade média, principalmente na Europa, apoiando-se em histórias como a do Rei Arthur e seus cavaleiros (COELHO, 1987). A partir daí, “carregado” de elementos do folclore de cada país, os contos foram ganhando força e se assemelhando ao modelo que conhecemos hoje.

Importante destacar que, conforme já dito no início, essas narrativas não eram feitas para crianças e, por isso, muitas delas eram “carregadas” de conteúdos, hoje considerados impróprios, e elementos que foram aos poucos adaptados e corrigidos para que se torna-se de fato um gênero da literatura infantil (COELHO, 2000).

Esse movimento de incorporar elementos infantis às narrativas, pensar em lições morais e, principalmente, adequar o conteúdo à nova ideia de infância, ganhou destaque com o francês Perrault, por volta do século XVII e, mais tarde, foi se tornando mais sólida e acessível no século XVIII com os alemães conhecidos como irmãos Grimm. Além disso, o dinamarquês Andersen no século XIX e o inglês Walt Disney, já no século XX, contribuíram muito para popularizar esse gênero literário e fazer com que “caísse” ainda mais no gosto das famílias e permanecesse popular até os dias de hoje (COELHO, 1987).

E foi essa ideia de fantasia, cenários imaginários e criatividade que fez com que esse gênero recebesse o nome de um dos mais fantásticos e populares seres do universo, e que, até hoje, despertam admiração e curiosidade de adultos e crianças por todo o mundo: fadas (RADINO, 2003).

Histórias como “João e Maria”, “A bela adormecida”, “Chapeuzinho vermelho”, “A Bela e a Fera”, “Branca de neve”, “O patinho feio”, “O gato de botas”, “A gata borralheira”, “O pequeno polegar”, entre outros contos encantados, surgiram e trouxeram a estrutura hoje conhecida para este tipo de narrativa: no plano da fantasia e com elementos mágicos, o herói sempre tem um problema a ser solucionado e este acontece com um desfecho cheio de aventuras e de imaginação (COELHO, 1987). E são estes aspectos que contribuem para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e, ainda, que, de forma indireta, da personalidade para aquele que ouve a história. Souza (2018) resume a estrutura dos contos de fadas da seguinte forma:

O início caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial; a ruptura, quando o herói vai para o desconhecido deixando a proteção e se desligando da vida concreta; o confronto e a superação de obstáculos e perigos, quando o herói busca soluções fantasiosas; a restauração é quando se inicia o processo da descoberta do novo, das potencialidades e das polaridades; e o desfecho, é o retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento (SOUZA, 2018, p.04).

Assim, embora diferentes, os contos de fadas obedecem a estrutura de: início, meio (trama/problema a ser resolvido) e fim (desfecho, em geral, satisfatório em que os personagens vivem felizes para sempre). Bastos (2015) ainda acrescenta que:

Os contos de fadas caracterizam-se por possuir uma simbologia fixa, já estruturada, com personagens simples e fáceis de serem compreendidos pelas crianças. Entretanto, o que garante o sucesso dos contos de fadas (das versões que contamos atualmente), entre as crianças, é a utilização de problemas reais e o final [geralmente] feliz, facilitando assim a identificação da criança com as histórias (BASTOS, 2015, p.29).

A mesma autora, apoiando-se nos escritos de Cashdan (2000), destaca que os contos de fadas se dividem em quatro etapas, sendo elas: a *travessia*, onde o herói é levado para terras desconhecidas para tentar resolver algum dilema e é sempre marcada por eventos mágicos e situações estranhas; o *encontro com o mal*, momento da luta “principal” e sempre caracterizado pelo encontro com um ser diabólico (bruxa, gigante, madrasta, mago, etc) que ameaça o personagem principal (herói ou heroína); a *conquista*, momento em que o bem vence o mal e o conflito principal da história chega ao fim; e, por último, a *celebração*, que, marcada com um evento como casamento, baile ou reunião de família, celebra o começo do “felizes para sempre” e caracteriza o fim da narrativa (CASHDAN, 2000 apud BASTOS, 2015).

Assim, esse gênero textual faz com que aquele que o leia se utilize dos conhecimentos que já tem baseados na realidade, e crie novas possibilidades, e, a partir daí, seja transportado para o contexto da história. E, por meio dela, encontre ferramentas para enfrentar seus dilemas reais (BASTOS, 2015). E, é, a partir disso, que os contos de fadas sejam tão apaixonantes e benéficos para o desenvolvimento infantil.

2.OS CONTOS DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Os primeiros contos de fadas, como já mencionados, não foram escritos para atender ao público infantil. E, por isso, muitos deles eram carregados de violência, elementos de rituais pagãos e até mesmo aspectos sexuais (COELHO,1987). Somente com a mudança de concepção de infância e do que as crianças precisavam, ideia esta que ganhou força no século XVIII, é que surgem, dentro dessas narrativas,

princípios educacionais, sociais e psicológicos que realmente se preocupam com essa etapa da vida humana (BASTOS, 2015).

A partir daí, as histórias contadas de pais para filhos, e, mais tarde, publicadas em livros, passaram a se importar com o que as crianças compreenderiam, se interessariam e pensar em que essas histórias poderiam contribuir com o desenvolvimento delas (COELHO, 1987). Surge, então, a ideia de acrescentar conceitos morais, valores e fazer com que a criança se inspire, se identifique e se interesse pelo que a história lhe traz. No Brasil, esse tipo de história ganhou destaque no cenário literário apenas no final do século XIX, onde conhecidos como “contos da carochinha”; essas histórias passaram a despertar a curiosidade e imaginário de crianças e adultos em todo o país (RADINO, 2003).

Impossível deixar de destacar que, um dos pioneiros da literatura infantil brasileira, o escritor Monteiro Lobato, utilizou-se desse modelo de escrita para criar suas famosas histórias protagonizadas por uma boneca falante e diversos outros elementos “fantásticos” que compõem sua obra. E que, segundo ele, tem o objetivo de criar um universo em que as crianças aprendessem brincando e, a partir disso, desenvolvessem sua imaginação, criatividade, criticidade a ponto de transformar sua realidade (RADINO, 2003).

Pode-se dizer, então, que Monteiro Lobato deixou um legado extremamente valioso, tanto no campo da criação de personagens, quanto na elaboração de histórias, em que o faz de conta e a imaginação são os elementos principais.

Abramovich (2001) defende, então, que a literatura infantil tem a grande capacidade de influenciar, colaborar e desenvolver muitas habilidades sociais, emocionais e cognitivas na criança, já que, ao ouvir uma história, o interlocutor é levado a desenvolver estratégias mentais para imaginar aquilo que está sendo narrado e criar cenários, possibilidades e até mesmo possíveis finais de acordo com suas expectativas e experiências. Para a criança em processo de desenvolvimento, participar de situações em que haja desafios, sejam cognitivos, sejam afetivos ou emocionais, é algo extremamente interessante e benéfico.

Cademartori (1987) ainda acrescenta que ouvir histórias é algo que deve fazer parte da infância para que o desenvolvimento da criança, de forma lúdica, prazerosa e significativa, se consolide em todas as áreas. Bastos (2015) ressalta que:

Enquanto divertem a criança, os contos de fadas a esclarecem sobre si e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade. Essas histórias dirigem a criança à descoberta de sua identidade e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver seu caráter. Também declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa, mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino (BASTOS, 2015, p.35).

Isto quer dizer que os contos de fadas, além do aspecto lúdico, e de fonte de lazer e prazer para aquele que o lê ou ouve, também se destaca pela possibilidade de trabalho com aspectos muito mais amplos do desenvolvimento humano.

Do ponto de vista cognitivo, Farias e Rubio (2012) destacam que ouvir histórias é uma ação que sempre vai influenciar no desenvolvimento e formação da criança, em variadas intensidades. Contudo, “de maneira geral, todas as histórias propiciam o desenvolvimento de atenção e raciocínio, senso crítico, imaginação, criatividade, afetividade e transmissão de valores” (FARIAS; RUBIO, 2012, p.04).

Mais do que isso, as autoras defendem ainda que as histórias infantis, e principalmente, os contos de fadas, são capazes de fazer com que a criança reflita sobre algumas questões relacionadas à suas emoções e sua realidade sem que se dê conta disso. Ou seja, de forma “inconsciente” a criança passa a incorporar valores, formular suas próprias ideias e aprender a decidir por si só, baseada no que ouve, por exemplo, se somente ser bonito, ou rico é suficiente para que a princesa se apaixone pelo príncipe (FARIAS, RUBIO, 2012). A partir disso, então, há a importância da contação de histórias, e, nesse caso, dos contos de fadas, que esteja presente na vida da criança desde cedo, inclusive na escola, já que é um ambiente extremamente favorável para o aperfeiçoamento cognitivo, social e afetivo do indivíduo.

A respeito dessa influência emocional, psíquica, afetiva e pessoal, Bettelheim (2002), em seu livro sobre a “Psicanálise dos contos de fadas”, destaca que os contos de fadas, assim como as influências familiares, dos professores, ou de outras pessoas com quem a criança convive, é capaz de ajudar a criança a encontrar sentido em sua existência e formular ideias sobre o significado da vida.

Ao ouvir a situação que o personagem principal se encontra, analisar as opções para resolver aquele conflito e criar associações com a sua própria vida, a criança, aos poucos, passa a relacioná-los com sua própria realidade, medos e problemas. E, ao identificar-se com o personagem, ainda que em um universo distante e imaginário, aprende a reconhecer suas emoções e sentimentos reais, direcionando-os para atender seus objetivos de vida desde a infância até a vida adulta (BETTELHEIM,

2002). Ainda de acordo com o mesmo autor, as crianças são muito inseguras emocionalmente e:

[...] Quando os pais narram contos de fadas para o filho, dão uma importante demonstração de que consideram as experiências internas da criança, enquanto personificadas nos contos, dignas de valor, legítimas, e de algum modo até mesmo "reais". Isto faz com que a criança sinta que suas experiências internas foram aceitas pelos pais como reais e importantes, e que ela - implicitamente - é real e importante. [...](BETTELHEIM, 2002, p.67).

Farias e Rubio (2012) destacam que a possibilidade de trabalhar de forma metafórica e interiorizada, aspectos como separação, morte, abandono, autoestima, entre outros, faz com que os contos de fadas se destaquem ainda mais como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Acrescenta-se, ainda, que:

A imaginação é um instrumento fundamental de elaboração e construção da nossa identidade. Sair de casa expulsa pela madrasta, enfrentar um ogro, encontrar no amor a solução de todos os males, travar uma luta mortífera com figuras poderosas e aventurar-se na floresta, virar comida de uma bruxa; Situações aparentemente absurdas podem ilustrar nossos conflitos inconscientes. O mundo pode ter mudado totalmente, mas tornar-se mulher ou homem, assim como enfrentar o crescimento e a morte ainda são nossos problemas. No que diz respeito a essas questões, tudo mudou para que pudesse continuar do mesmo jeito (FARIAS; RUBIO, 2012, p.11).

Pensando nisso, oferecer situações significativas e constantes, em que a criança seja exposta a literaturas adequadas para sua faixa etária, é extremamente benéfico para a aprendizagem infantil, estendendo do esse processo além do ambiente familiar para o universo de sala de aula e para as relações sociais.

3. A APLICAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA: UMA APRESENTAÇÃO DO MODELO DE TRABALHO COM UMA DAS VERSÕES DE “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Entende-se que uma das principais funções sociais da escola, e um dos maiores desafios, além de preparar o aluno para a vida e para a aprendizagem, é ensiná-lo a conviver com o outro. E, nesse sentido, os contos de fadas e suas lições sobre frustração, medo, respeito, companheirismo, amor, amizade, coragem, caráter, entre tantas outras emoções incorporados através dessas narrativas, mostra-se como

um ótimo recurso para a formação social, emocional e afetiva do indivíduo (BETTELHEIM, 2002).

Nas últimas décadas, tem-se intensificado discussões que busquem demonstrar a importância de práticas de qualidade em ambiente escolar. E, desde então, a literatura infantil tem se apresentado como uma riquíssima ferramenta de ensino e aprendizagem em sala de aula (PIETRO, 2000).

Como já mencionado anteriormente, esse gênero literário, destaca-se entre os demais, pois além das possibilidades de inseri-lo na pesquisa de várias maneiras, de acordo com a faixa etária, também possibilita o trabalho pessoal e interior com cada aluno. Ou seja, além de trabalhar com a leitura, a escrita, a produção textual, a oralidade, entre outros, também é possível, conforme já citado, trabalhar por meio dos contos de fadas, aspectos relacionados à formação de valores e ideias que influenciarão na personalidade e no futuro desses alunos (PIETRO, 2000). A respeito disso, o mesmo autor ainda acrescenta que:

[...] É na infância que nós e professores devemos transmitir esses valores a criança para que elas cresçam saudáveis, conscientes e com respeito a si mesmo e com os outros, usando os contos como mediadores, pois assim de maneira agradável sem impor o que esta criança deve ser ou fazer, estaremos através dos contos de fadas transmitindo-lhes esses valores éticos e emocionais que irão transformá-los num adulto seguro de suas opiniões e atitudes. Trata-se do nosso currículo, da bagagem que uma criança traz à escola, só detectável pela sensibilidade do professor que não considerar seu aluno como um vaso vazio a ser preenchido por conhecimentos pré-determinados pelos "currículos oficiais" (PIETRO, 2000, p. 22).

Isto quer dizer que o professor deve considerar as experiências dessa criança, suas vivências, o contexto em que vive e, principalmente, aquilo que ela já sabe e aprimorar esses saberes de forma lúdica, prazerosa e significativa, o que é muito possível por meio do trabalho com a literatura em sala de aula (COELHO, 2000). Neste sentido, Barros (2013) defende que o professor tem um papel muito importante na formação do aluno, principalmente em relação à leitura, já que muitos dos educandos não têm exemplo de adultos leitores em casa e, por isso, veem no professor esse exemplo. E, por esse motivo, é seu dever fazer com que esta experiência seja, desde o primeiro contato, algo prazeroso e encantador.

Muito antes de aprender a ler, é importante que esse encantamento, essa curiosidade, esse interesse seja mantido para que a leitura e a narrativa faça sentido

para aquele que a lê, ou está em contato com ela, pois somente assim contribuirá com sua transformação e aprendizagem (BETTELHEIM, 2002).

Nesse caso, os contos de fadas se destacam mais uma vez, principalmente pela capacidade de transportar aquele que ouve ou lê a história para cenários, mundos, contextos e possibilidades que jamais conseguiria se não fosse instigado a isso, pela história (COELHO, 2000).

Barros (2013) também alerta que um dos principais erros do professor, ao lidar com o uso dos contos de fadas e da literatura infantil em sala de aula, independentemente da etapa ou nível de ensino, é fazer com que a leitura seja sempre uma cobrança. Ou seja, fazem com que o aluno crie uma consciência errada de que ler na escola só serve para responder questões, fazer reescrita, analisar estruturas textuais ou criar ilustrações. A mesma autora ainda destaca que a leitura na escola não deve ser apenas destinada a ensinar a ler. Muito mais do que isso, os contos, as narrativas e as histórias, em geral, devem assumir significado na vida dos alunos, para que, então, contribuam com seu desenvolvimento (BARROS, 2013).

Tendo como exemplo um dos contos mais conhecidos de todos, “Chapeuzinho Vermelho”, entende-se que muitas são as opções de trabalho com esse gênero textual em sala de aula.

Desde as primeiras etapas de escolarização até as mais avançadas, várias atividades podem ser exploradas, tais como: cruzadinhas, caça palavras, recortes, jogos da memória, recontar história, apresentação do livro: capa, ilustrações, quebra cabeça com os personagens, exercícios associados à culinárias (bolo para a vovó), liga pontos, jogos de movimento (pega-pega do lobo), dramatizações, entre outras também são possíveis de serem realizadas. Trabalho com cantigas, filmes, e, principalmente recursos voltados para os valores e aprendizagens que a história traz, como o fato de não falar com estranhos, também se constitui como um rico recurso em sala de aula tendo por pano de fundo a narrativa.

É possível também, como recomendam documentos norteadores da educação, como a BNCC (2017), por meio dessa história, explorar, em sala de aula, com os alunos, importantes habilidades, tais como identificação do espaço, do tempo, características próprias desse gênero textual (inicio, problema central, desfecho, final) e dos personagens marcantes, analisar as opções de resolução de problema, levantar outras hipóteses que enriquecerão a prática e favorecerá a aquisição de aprendizagens significativas. No caso de “Chapeuzinho Vermelho”, percebe-se que

pode levar as crianças a refletirem sobre diversos aspectos para a sua aprendizagem, pelo fato de ser uma narrativa que representa a história de uma menina que desobedece a mãe, a qual pede para que a criança vá por um determinado caminho e ela, em meio a insurgência, passe pela floresta, para levar doces para a vovozinha, onde é perseguida pelo Lobo Mal.

A figura do Lobo Mal tem o sentido de risco que a criança pode sofrer por ela ter teimado com a mãe e passado pelo caminho proibido. Ela depara-se com a figura do Lobo e corre o risco de sofrer alguma consequência com essa presença. Este, por sua vez, simboliza o medo da criança, como no caso, a protagonista, preferiu passar pela floresta, que é como se fosse andarsozinha pelas ruas e correr o risco de ser abordada por um adulto desconhecido, que poderá causar danos a ela, medos e receios que os pais sofrem ao inserirem seus filhos no mundo fora

Além disso, uma rica prática que pode ser explorada pelo professor, não somente a este conto como a outros também, é a possibilidade de trabalhar versões diferentes do conto. Assim, conhecer outras traduções, interpretações e até mesmo criar os próprios acontecimentos e finais alternativos (ainda que de forma oral, para as crianças menores), é uma ótima ferramenta de aprendizagem para o aluno.

Assim, essas atividades poderão assumir um caráter diagnóstico e formativo quando, ao mesmo tempo, visam ouvir as crianças no seu modo de pensar e suas estratégias de resolução, no acompanhamento da aprendizagem com observações e registros (a participação e comparação de diferentes meios utilizados pelas crianças) e também servem como meio de investigação para repensar as ações planejadas em função de avanços e dificuldades das crianças, revelando o quão valioso pode ser o trabalho com os contos de fadas em sala de aula e o quanto contribuem para o desenvolvimento da linguagem escrita e oral, raciocínio e práticas de escuta e análise linguística na criança e raramente paramos para pensar nas lições que a história da Chapeuzinho Vermelho ensina, e o quanto elas são importantes. E não é apenas esse conto que pode contribuir com a segurança das crianças.

Os contos de fadas, em especial Chapeuzinho Vermelho, são capazes de auxiliar as crianças a superarem certos medos, inseguranças e receios, e, principalmente, vincularem valores da ficção à realidade, explorando ações por meio da imaginação. O envolvimento simbólico com a proposta lúdica propicia o desenvolvimento psíquico, afetivo e social; isso eleva a autoestima das crianças, de modo que pode ser trabalhada, ainda, com os indivíduos, a noção de moralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme citado, a infância é um dos períodos mais favoráveis e ricos para o desenvolvimento de habilidades, competências, hábitos e características que farão parte de quem o indivíduo será ao longo de sua vida. E, a escola, como principal instituição social e responsável por essas aprendizagens sociais, ao lado da família e da comunidade, assume o importante papel de oferecer recursos para que esse desenvolvimento se dê de forma significativa e prazerosa.

Assim, pensar em estratégias sobre a aplicação dos contos de fadas para serem utilizados como um recurso para aprender, se expressar, se desenvolver e adquirir conhecimentos relacionados a valores sociais, ao mesmo tempo em que se diverte e imagina, é algo relevante, principalmente para a criança que tem o lúdico e o faz de conta como “combustível” para aprender e descobrir o mundo.

Frente a isso, compreende-se que os contos de fadas, como recurso de aprendizagem e de desenvolvimento, podem e devem ser utilizado em sala de aula desde a educação infantil até os anos do ensino fundamental, principalmente, pelo fato de que diversas propostas, atividades e vivências podem ser exploradas, utilizadas e aplicadas de acordo com o objetivo que se pretende alcançar e com as experiências que se pretende oferecer.

Assim, não se pode deixar de afirmar que existem sempre, nos contos de fadas, um lugar em que o bem pode vencer o mal e que é possível, sim, encontrar, na maioria das vezes, o “feliz para sempre” e outras lições fundamentais para a construção da moral, como algo que pode auxiliar muito no desenvolvimento pessoal, social e emocional da criança, tornando-o um adulto mais criativo, alegre, confiante e seguro de seus sentimentos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BARROS, P.R.P.D. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura**. Monografia. 54.f.Universidade Católica Salesiano Auxilium. Lins: São Paulo. 2013. Disponível em:

<<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pd>> Acesso em: 21/07/2020.

BASTOS, G. M. **A importância dos contos de fadas na Educação Infantil**. Monografia. 55. f. Universidade de Brasília – UnB – Faculdade de Educação – FE. Brasília: DF. 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12925/1/2015_GabrieleMirandaBastos.pdf>. Acesso em: 14/08/2020.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

COELHO, N. N. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A.S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n.1, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>> Acesso em: 11/08/2020.

PIETRO, H. **Lá vêm Histórias**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2000.

RADINO, G. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SOUZA, M.L. Os contos de fadas e suas implicações na criança. **Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, p. 9, nº 4, Jan/2018. Disponível em: <<https://www.faculdadepplus.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/01-Artigo-OS-CONTOS-DE-FADAS-Marilia.pdf>>. Acesso em: 17/07/2020.